



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Uma introdução aos usos da história pela ultradireita na era digital

Diego Leonardo Santana Silva^I

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre os usos da história pela ultradireita na era digital. Ao longo dos anos, com o aumento dos recursos digitais o ciberespaço se tornou um ambiente no qual seus usuários realizam uma série de tarefas do seu cotidiano e obtém informações sobre variados assuntos. Estando em constante crescimento, a rede foi inundada por informação de todo o tipo entre as quais estão projetos de reconstrução historiográfica que funcionam como suporte ideológico e pedagógico de projetos políticos capitaneados pela ultradireita. Nesse cenário, as ações da ultradireita no tempo presente passaram a contar com um suporte ideológico e pedagógico de grande alcance que é constantemente apropriado para potencializar suas ações. Sendo assim, esse texto visa apresentar uma introdução a essa temática com ênfase no uso da história por grupos extremistas e em características do que viria a ser um modelo historiográfico das abordagens de ultradireita.

Palavras-chave: Historiografia. Internet. Ultradireita.

An Introduction to the Far Right's Uses of History in the Digital Age

Abstract: This article aims to present a reflection on the uses of history by the far-right in the digital age. Over the years, with the increase in digital resources, cyberspace has become an environment in which its users perform a series of daily tasks and obtain information on various subjects. Being in constant growth, the network was flooded with information of all kinds, among which are projects of historiographical reconstruction that function as ideological and pedagogical support for political projects led by the far-right. In this scenario, the actions of the ultra-right in the present time now have a far-reaching ideological and pedagogical support that is constantly appropriated to enhance their actions. Therefore, this text aims to present an introduction to this theme with emphasis on the use of history by extremist groups and on characteristics of what would become a historiographical model of ultra-right approaches.

Keywords: Historiography. Internet. Far-right.

Introdução

Certa vez, o sociólogo espanhol Manuel Castells definiu a internet como o tecido de nossas vidas, uma tecnologia tão importante quanto a eletricidade e que detinha um poder de transformação da vida humana.^{II} Trazendo um nível de comunicação em uma escala elevadíssima, a existência e uso da internet pode ser compreendida como uma das características do nosso tempo. Ter acesso a um recurso desse tipo é um dos elementos que nos diferenciam dos nossos antepassados.

UMA INTRODUÇÃO AOS USOS DA HISTÓRIA PELA ULTRADIREITA NA ERA
DIGITAL
SILVA, D. L. S.

Na rede, milhões de pessoas se conectam produzindo e consumindo informação. Entre suas várias formas de apropriação está a utilização desse recurso para fins de propagação do conhecimento, bem como a de ser um grande acervo no qual testemunhos e fontes são postados diariamente em grande escala. Desse modo, não é difícil imaginar que a história também esteja presente nesse ambiente seja por meio de ambientes voltados para o ensino ou para a preservação de documentos e exposição de testemunhos. Assim como, esse espaço se torna um instrumento a ser utilizado pelos historiadores em sua prática. Se a internet é o tecido de nossas vidas, a presença da história nela seria então algo elementar.

Convivemos com o discurso histórico em nosso cotidiano seja por meio de monumentos, testemunhos, pelo ensino e agora também pela rede. Em uma época marcada pelo presentismo, a busca de referenciais faz com que a relação entre o passado e o presente se intensificasse com a memória estando cada vez mais viva no espaço público.^{III} Neste cenário, um caso em particular chama atenção que é o uso que a ultradireita faz da internet para a construção e propagação de um discurso historiográfico que a legitime. Sendo assim, este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre os usos da história feito pela ultradireita no tempo presente.

Para isso, o texto será organizado levando em consideração dois tópicos. No primeiro deles abordaremos a escrita da história e os extremismos no tempo presente dando ênfase no papel de como os extremistas fazem uso do discurso histórico em suas abordagens. Já no segundo tópico abordaremos o modelo historiográfico da ultradireita tendo como exemplo o caso Metapedia. À medida em que, conforme Francisco Carlos Teixeira da Silva e Karl Schurster explicam, a linguagem fascista se molda no ambiente ao qual ela se manifesta, olhar a linguagem fascista da ultradireita no mundo digital traz a necessidade de conhecer as características desse ambiente.^{IV}

Antes de usar demasiadamente o termo, devemos apresentar uma definição. Segundo Cas Mudde, a *ultradireita* prega um discurso antissistema, contrário à democracia liberal enquanto atua dentro da democracia liberal. Alguns políticos de ultradireita do nosso tempo como Donald Trump e Jair Bolsonaro chegaram ao poder pela via democrática embora alguns deles façam ataques sistemáticos à democracia. A ultradireita seria composta por alguns setores, entre os quais, estaria também uma parcela mais extremista da direita, a extrema-direita. Mesmo em meio a democracia liberal, a ultradireita se opõe a alguns de seus elementos como o direito das minorias e à separação e independência dos poderes. Suas pautas defendem a anti-imigração baseada na islamofobia, na xenofobia, além de realizar discursos e atos homofóbicos e racistas com essa corrente ganhando força a medida em que a crise econômica e social se agrava.^V

Em meio a esse conjunto de acontecimentos, a maneira a qual a internet foi utilizada para propagar os discursos da ultradireita é algo a se observar. Plataformas como Youtube, Instagram, Facebook e Twitter, além da criação de websites específicos para isso se tornaram instrumentos de propaganda e suporte a esse discurso constituem um suporte digital para a intolerância. Nele, o “Outro Conveniente”, como denominou Peter Gay, aparece como o culpado pela crise. Para este autor, a construção desse vilão seria fruto de processo de afirmação de superioridade de uns sobre outros, baseado em álibis para agressão que permitissem o cometimento atos hostis de maneira consciente, sem nenhum pudor e justificada.^{VI} O Outro Conveniente está presente no discurso da ultradireita como o culpado por todos os problemas enfrentados e como os indesejados.

Sabemos que a história não é uma via de mão única e que ao longo do tempo sua escrita ocorre por meio de métodos, novos documentos, novas problemáticas e demais fatores. Desse modo, conforme lembra Demiam Bezerra de Melo, o revisionismo histórico se torna uma prática comum com seu sentido passando por interpretações diferentes por parte dos historiadores que o usam para afirmar um caráter renovador em suas abordagens ou para afirmar

UMA INTRODUÇÃO AOS USOS DA HISTÓRIA PELA ULTRADIREITA NA ERA
DIGITAL
SILVA, D. L. S.

tendências étnico-políticas em suas abordagens.^{VII} Em meio a isso está o projeto de reconstrução historiográfica da ultradireita baseado no revisionismo negacionista inspirado no revisionismo negacionista do holocausto. Tal projeto transcende para pautas mais próximas da realidade da ultradireita atual sustentando teses como, por exemplo, a dos movimentos antivacina durante a pandemia de covid-19 e de reescrita da história de ditaduras e personagens autoritários.

Com o conhecimento histórico passando por uma “crise de legitimidade” ou um processo de “quebra de hierarquia ou desierarquização” e a dinâmica do ciberespaço propiciada por algoritmos faz com que os conteúdos mais adequados àquelas redes sejam aqueles que os algoritmos compreendem como mais adequado seguindo a sua lógica. Não interessa que tipo de abordagem é apresentada ou os métodos utilizados em sua produção. Se aquilo está na bolha do usuário, ele será disseminado de acordo com a demanda daquele ambiente virtual.

Por isso, o uso de recursos digitais como suporte pedagógico já acontece e cabe aos profissionais da área da história estarem atentos a isso e, se for de seu interesse, criarem iniciativas desse tipo.

A escrita da história e os extremismos

Em *Educação e Emancipação*, o pensador alemão Theodor Adorno (1903-1969) chamou atenção para a importância da educação para que Auschwitz não se repetisse. Para ele, esse deveria ser o principal objetivo da prática educacional.^{VIII} Os horrores do holocausto – ou *Shoah* – não deveriam ocorrer novamente e o processo educacional deveria levar isso em consideração. Afinal, para que se educa? Para o mundo do trabalho? Para a realização de provas e entrada na universidade? Bem, é possível educar para alguns objetivos, mas não podemos ignorar que a educação deveria ter um papel importante no combate aos extremismos ensinando a importância da democracia, da pluralidade e da tolerância.

Tendo em vista que possuímos esse objetivo em mente, a disciplina história deveria exercer protagonismo no processo educacional. Afinal, a experiência histórica deveria ensinar algo e, ao observar problemáticas do presente, os profissionais da história recorreriam ao passado para explicar temáticas da atualidade? Bem, a relação entre passado e presente no trabalho do historiador é fruto de debates e interpretações diversas e temos que em muitos casos a contemporaneidade é marcada pela catástrofe.^{IX} Se aplicarmos a noção de *Outro Conveniente* em meio a isso, podemos deduzir que algumas correntes historiográficas, como a da ultradireita, podem fazer uso do *Outro Conveniente* como o culpado pela catástrofe do seu tempo.

A maneira a qual essa narrativa se constitui é dotada de elementos que visam justificá-la. Conforme explicou Antoine Prost, o ensino da disciplina história comporta dois momentos devemos primeiro compreender os fatos e depois explicá-los de maneira coerente.^X Desse modo, o ensino de história deve ser feito de maneira coerente, a partir de análise e em uma abordagem que faça sentido.

Porém, a mediação deste processo não é algo exclusivo do historiador. Empiricamente, qualquer um pode fazer questionamentos quanto ao presente a partir do passado. Porém, os professores de história possuem, ou deveriam possuir, um papel de legitimidade para guiar este processo. Talvez, isso explique o porquê dos constantes ataques que os profissionais da área vêm sofrendo de grupos negacionistas. Afinal, se o professor está mentindo, cabe a eles apresentar a verdade. Algo que é levado em consideração por projetos de reconstrução historiográficos da ultradireita negacionista que cria uma abordagem que busque fazer sentido no que diz respeito a atender seus anseios. Sendo assim, os constantes ataques aos professores tornam-se um dos elementos deste processo.

UMA INTRODUÇÃO AOS USOS DA HISTÓRIA PELA ULTRADIREITA NA ERA
DIGITAL
SILVA, D. L. S.

Segundo Eric Hobsbawm, a história assume o papel de “matéria-prima” para essas ideologias extremistas sejam elas nacionalistas, éticas ou fundamentalistas. O passado é um instrumento legitimador para tais ações. Sempre é preciso se espelhar nele ou superá-lo.^{XI} Movimentos desse tipo adentram em pautas culturais em prol do interesse da nação que estariam sendo negligenciados pelo establishment político.^{XII} Mas, que tipo de nação é essa e quem estaria atrapalhando seus interesses?

Os fascismos contemporâneos adentram em um universo no qual há um ressentimento de algumas pessoas quanto ao seu lugar no mundo e uma digitalização da vida com o mundo digital servindo em muitos casos como ambiente de refúgio. Como explicou Karl Schurster e Michael Gherman, recorrer à autoridade do fascismo em um momento em que ocorre o descrédito nas instituições que compõe o Estado.^{XIII}

Cria-se uma dinâmica política divisiva dentro de uma visão conservadora e revisionista existia um mundo perdido que foi destruído pela ação de seus inimigos.^{XIV} Nisso, as teorias conspiracionistas ganham o papel de explicar como as coisas realmente seriam e a religião emerge como única saída.^{XV}

Ao analisar a adoção de uma política de “nós” contra “eles” em grupos fascistas no tempo presente, Jason Stanley demonstrou como um passado mítico é invocado para justificar as ações e criar uma narrativa de que é preciso renunciar a princípios da modernidade como a tolerância.^{XVI} Iniciativas desse tipo acontecem há décadas e adentram em várias frentes desde a produção de livros e revistas, até a realização de simpósios e eventos de “historiadores” que se dedicavam a propagar o revisionismo-negacionista. Sobre o revisionismo-negacionista de extrema-direita, Luís Edmundo de Souza Moraes nos explica que esse termo faz referência a essa variante intelectual da extrema-direita do pós-Guerra.^{XVII} Para ele, esse projeto de reconstrução historiográfica teria três pontos principais. Primeiramente, ele visa a defender e reconstruir o nacional-socialismo, bem como o III Reich e Adolf Hitler. O segundo ponto consiste em uma reinterpretação das causas e motivações da Segunda Guerra Mundial com o intuito de provar uma ausência de culpa alemã pelo conflito. Por fim, o terceiro aspecto é a banalização, negação ou mesmo justificativa do Holocausto e de outros crimes cometidos pela política de extermínio nazista.^{XVIII}

Ou seja, elas não são uma invenção da internet e sim algo que se potencializou no ciberespaço. A partir dos anos 1990, iniciativas propagadas pelo revisionismo-negacionista chegaram à internet que tinha algumas características básicas. A rede mundial de computadores apresentava uma série de possibilidades que nenhuma outra mídia até então trazia que eram a facilidade de acesso e criação de conteúdo, a potencialidade global de alcance e um território até então inexplorado, pronto para ser colonizado.^{XIX} As regras naquele ambiente estavam sendo construídas e os historiadores iriam adentrar na era digital.

O modelo historiográfico da ultradireita

Com a revolução digital, a informação passou a ter papel central em nossas vidas. Seja por meio de smartphones, tablets, computadores e até mesmo relógios e televisores ela é consumida demasiadamente enquanto é transportada via internet. Isso fez com o ciberespaço - meio de comunicação que surgiu a partir da interconexão dos computadores^{XX} - se tornasse um ambiente acessado por milhões de pessoas em todo o mundo que diariamente produzem e consomem conteúdo.

O fato é que a revolução digital trouxe consigo uma série de recursos, possibilidades e desafios. Para nos situarmos em meio a esse debate, devemos ter em vista alguns princípios. O primeiro deles é que é inegável que a emergência da cibercultura deu origem a uma nova era comunicacional.^{XXI} Vivemos em uma sociedade que produz informação em grande escala e se

UMA INTRODUÇÃO AOS USOS DA HISTÓRIA PELA ULTRADIREITA NA ERA
DIGITAL
SILVA, D. L. S.

alimenta dela em demasia. Qualquer um que tenha acesso à internet e a dispositivos de acesso à mesma acaba produzindo conteúdo desde mensagens pessoais até postagens em redes sociais, blogs, websites e outros ambientes de interação. Para se ter ideia, o Instituto Gartner calculou que até o fim do ano de 2020 o mundo teria produzido 40 trilhões de gigabytes de conteúdo.^{XXII} Se por um lado temos uma abundância de informação, por outro temos uma overdose de informação fazendo com que essa grande abrangência de conteúdos passasse a ser vista como tendo um lado bom e um lado ruim.

Por um lado, há uma quebra do monopólio da informação, por há pouca filtragem daquilo que é consumido. Para alguns pesquisadores, estamos em meio a um dilúvio de dados só que, diferente do dilúvio bíblico narrado no Antigo Testamento, o que nos imunda são informação e dados.^{XXIII} De fato, existe muito mais conteúdo e informação do que podemos consumir e são as pessoas, fazendo uso da rede, criando e recriando conteúdo, dando significado e ressignificando coisas que fizeram com que a internet tivesse a dinâmica atual. Afinal, conforme alertou Nicholas Negroponte, a internet passou a ter mais a ver com as pessoas de que com os computadores.^{XXIV}

Por isso, algoritmos de acesso a redes sociais, buscadores e outros ambientes virtuais fornecem um acesso personalizado em relação àquilo que é exposto em suas páginas tendo como foco o usuário. Desse modo, quem acessa a rede teria uma experiência otimizada e ficaria mais tempo inserido naquele espaço. Porém, tudo tem um preço. Quanto mais tempo na rede, mais organizações como o Facebook, o Google, a Amazon entre outros sabem de seus clientes. Esse filtro invisível, conforme descreveu Eli Pariser, acaba inserindo as pessoas em bolhas de acesso onde elas consomem aquilo que lhes é mais favorável.^{XXV} Sendo assim, se inserir em meio a uma bolha de conteúdo acaba sendo confortável, mas perigoso a depender do ambiente em que se esteja inserido. Afinal, o contraditório também é importante.

O segundo fator é o poder mobilizador que a internet acaba tendo. Ela se tornou um ambiente ideal para a criação de ambientes virtuais em prol de reunir pessoas com objetivos em comum. Com isso, surgem páginas de todo o tipo desde apreciadores de filmes, séries, de atividades físicas, enfim, para cada nicho há um espaço virtual dedicado a isso. Em meio a isso, não é de se espantar que surgissem na rede projetos de memória e reconstrução historiográfica que atendessem a demandas de determinados grupos. Fóruns, sites, perfis em redes sociais são criados para abordar temas históricos de maneira variada entre os quais está um projeto de reconstrução historiográfica da ultradireita pautado no revisionismo negacionista como é o caso do projeto Metapedia.^{XXVI}

A Metapedia visa ser uma enciclopédia alternativa que tem como principal objetivo de recontar o que seria a verdadeira história do holocausto e da Segunda Guerra Mundial. Suas páginas são baseadas em textos como os de Robert Faurisson, um dos principais expoentes do revisionismo negacionista do holocausto. Nesse contexto, a Metapedia se estrutura visando apresentar uma visão de mundo tendo por base o neonazismo enquanto guia para as ações e leitura de mundo de seus leitores. Não à toa que a Metapedia possuía ligação com outras organizações da ultradireita na internet variando de sites de extrema-direita até os ligados ao neonazismo servindo como um suporte pedagógico da intolerância.^{XXVII}

A Metapedia também recria uma série de personagens históricos que vão desde Karl Marx a Che Guevara atribuindo para eles uma origem judaica. Em alguns casos, alguns personagens realmente possuem essa origem enquanto outros não. O que de fato ocorre é que o fato de ser judeu nesse cenário faz com que o personagem perca sua humanidade sendo renegado a um conspiracionista, desumano e cruel.^{XXVIII}

O que aprendemos ao observar a Metapedia é que o projeto de reconstrução historiográfica usado pela ultradireita se baseia na construção de vilões que seriam os culpados para a maneira a qual o mundo seria atualmente. No caso, um lugar degenerado que precisaria

UMA INTRODUÇÃO AOS USOS DA HISTÓRIA PELA ULTRADIREITA NA ERA
DIGITAL
SILVA, D. L. S.

ser retomado das mãos daqueles que o degeneraram por meio de um projeto redentor ao qual somente líderes fortes e autoritários poderiam empreender. A limpeza étnica e ideológica passa a se justificar enquanto um instrumento de defesa e não de ataque.

Tais interesses são baseados na dinâmica do *Outro Conveniente* onde é preciso construir álibis para agressão que justifique atos hostis.^{XXIX} Desse modo, o revisionismo negacionista acaba sendo apropriado enquanto um instrumento que permite ao seu adepto ter um refúgio para conseguir dar sentido a suas crenças.

Para isso, a ressignificação de personagens se torna constante. Um exemplo clássico de tal processo podemos observar na forma como a figura de Zumbi dos Palmares é retratada com constantes artigos publicados nas redes sociais principalmente próximo ao Dia da Consciência Negra e em algumas publicações ligadas a autores da ultradireita brasileira atual. O ataque a figura de Zumbi consiste em um ataque a consciência negra e ao debate sobre as consequências da escravidão no Brasil. A partir do momento em que se pretende apresentar um discurso que desconstrua Zumbi como líder de uma resistência contra a escravidão e transformá-lo em outra figura, visa-se a contestação de algo maior que sua figura.

Outro acontecimento constantemente ressignificado é o Golpe de 1964. Nesse caso, temos uma questão que envolve o recente debate político brasileiro e a ascensão da ultradireita bolsonarista no país. Quando um projeto político baseado no militarismo acende no cenário político brasileiro, a memória da Ditadura Civil-Militar reascende e passa a ser alvo de disputas. Para os historiadores Karl Schurster e Francisco Carlos Teixeira da Silva, a maneira a qual a redemocratização do país fez com que um processo de transição falhada e uma democracia inacabada estivessem presentes.^{XXX} Com isso, a memória da ditadura não foi encarada como deveria fazendo com que, tempos depois, projetos autoritários que invocam a memória de um regime marcado pela violência e o terror seja escandalosamente exposto como um projeto de país ideal.

Isso ocorre devido ao poder que o passado tem de se transformar em memória coletiva a serviço de convenientes usos políticos da história.^{XXXI} A história aparece como instrumento legitimador, a memória e os usos do passado tornam-se presente na construção de valores, crenças, símbolos e mesmo liturgias.^{XXXII} Desse modo, os acontecimentos ganham um significado mobilizador servindo como referências para ações futuras que subsidiam projetos políticos da ultradireita.

Conclusão

Os usos da história são dão origem a questionamentos quanto a natureza e interesses daqueles que o fazem. No que diz respeito a ultradireita temos um projeto de reconstrução historiográfica que visa embasar uma visão de mundo extremista, autoritária e antidemocrática.

Para isso, o emprego de recursos de divulgação de conteúdo se torna fundamental para tornar essas ideias mais acessíveis. Nisso, o uso da internet em nossa época se torna fundamental devido a toda potencialidade e características que a rede possui. Não à toa, a internet se tornou um dos principais veículos de divulgação desse tipo de conteúdo devido a sua versatilidade. Com isso, a rede fica repleta de páginas, vídeos, áudios e outros conteúdos que reproduzem o discurso historiográfico da ultradireita.

Acreditamos que a construção da narrativa visa justificar uma visão de mundo embasada na construção de álibis para agressão de um *Outro Conveniente*. Nesse texto, que é uma introdução a temática, acreditamos que a ultradireita segue alguns critérios na elaboração de seu conteúdo. Ou seja, não é algo construído aleatoriamente e sim seguindo uma lógica de elaboração e que possui um universo de referências e de trabalhos que embasam tais trabalhos. Com isso, a “historiografia da ultradireita” se faz com uma série de autores e trabalhos que

UMA INTRODUÇÃO AOS USOS DA HISTÓRIA PELA ULTRADIREITA NA ERA
DIGITAL
SILVA, D. L. S.

compõem um arcabouço de conteúdo que é apropriado por seus setores como foi o caso do portal Metapédia e é o caso de outros casos que se analise.

Notas

^I Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), com bolsa Capes. Mestre em Educação e Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). E-mail: diego@getempo.org

^{II} CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

^{III} TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar: história, memória e política**. Lisboa: Edições Unipop, 2012. p. 10.

^{IV} SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl. **Passageiros da tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente**. Cepe editora. Edição do Kindle, 2022.

^V MUDDE, Cas. **La ultraderecha hoy**. Barcelona, Buenos Aires, México: PAIDÓS Estado y Sociedad, 2019.

^{VI} GAY, Peter. O Outro Conveniente. In: _____. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O Cultivo do Ódio**. Tradução Sérgio Goes de Paula e Viviane de Lamare Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 76.

^{VII} MELO, Demiam Bezerra de. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Marx e o Marxismo** v.1, n.1, jul/dez 2013. p. 49-74, p.50.

^{VIII} ADORNO, Theodor. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2008. p. 119.

^{IX} ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Editora FGV, 2016.

^X PROST, Antoine. Os fatos e a crítica histórica. In: _____. **Doze Lições Sobre a História**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021. p.53.

^{XI} HOBBSAWM, Eric J. **Sobre História**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 18.

^{XII} EATWEL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal**. Tradução de Alessandra Bonruquer. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

^{XIII} SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michael. Como lidar com os fascismos hoje? **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão-SE, v. 11, n. 01, p. 03-15, jan/jun. 2020.

^{XIV} Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. Passageiros da tempestade (p. 237). Cepe editora. Edição do Kindle.

^{XV} Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. Passageiros da tempestade (p. 237). Cepe editora. Edição do Kindle.

^{XVI} STANLEY, Stanley. **Como Funciona o Fascismo: a política de “nós” e “eles”**. Tradução de Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 15.

^{XVII} MORAES, Luís Edmundo de Souza. Revisionismo Negacionista. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org). MEDEIROS, Sabrina (org). VIANNA, Alexandre Martins (org). **Enciclopédia de guerras e revoluções - vol. III: 1945-2014: a época da Guerra Fria (1945-1991) e da nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. p.491

^{XVIII} MORAES, Luís Edmundo de Souza. Revisionismo Negacionista. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org). MEDEIROS, Sabrina (org). VIANNA, Alexandre Martins (org). **Enciclopédia de guerras e revoluções - vol. III: 1945-2014: a época da Guerra Fria (1945-1991) e da nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. p.491

^{XIX} MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre história e internet**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

^{XX} LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3ª ed. São Paulo Editorai 34, 2010. p. 17.

^{XXI} LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3ª ed. São Paulo Editorai 34, 2010.

^{XXII} Da Redação. Temos mais dados do que nunca. Como usá-los a nosso favor? Revista Exame, 2021. Disponível em: <https://exame.com/carreira/dados-uso-favor/>. Acesso em 22 de mar. de 2022.

^{XXIII} MAYNARD, Dilton C. S. **Memórias do Segundo Dilúvio: uma Introdução à História da Internet**. Cadernos do Tempo Presente, número 04, 2011. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2721>. Acesso em 25 de mar. de 2022.

^{XXIV} NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.11

^{XXV} PARISER, Eli. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

UMA INTRODUÇÃO AOS USOS DA HISTÓRIA PELA ULTRADIREITA NA ERA
DIGITAL
SILVA, D. L. S.

^{xxvi} A Metapédia é uma enciclopédia eletrônica em formato *Wiki* em uma interface semelhante à Wikipédia. Porém, a Metapédia pauta sua atuação em um revisionismo negacionista de extrema-direita. O autor deste texto estudou a Metapédia durante sua dissertação no Mestrado em Educação na Universidade Federal de Sergipe. Para saber mais: SILVA, Diego Leonardo Santana. Sobre o negacionismo no ciberespaço: a "enciclopédia alternativa" Metapédia e sua proposta de educação histórica. 2017. 92 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/4848?mode=full>. Acesso em 25 de mar. de 2022.

^{xxvii} SILVA, Diego Leonardo Santana. Sobre o negacionismo no ciberespaço: a "enciclopédia alternativa" Metapédia e sua proposta de educação histórica. 2017. 92 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/4848?mode=full>. Acesso em 25 de mar. de 2022.

^{xxviii} Ibidem.

^{xxix} GAY, Peter. O Outro Conveniente. In: _____. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O Cultivo do Ódio.** Tradução Sérgio Goes de Paula e Viviane de Lamare Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

^{xxx} Schurster, K. y Teixeira Da Silva, F. C. (2021). Militares e bolsonarismo: um caso da transição falhada e democracia inacabada. **Relaciones Internacionales**, 30(60), 130. <https://doi.org/10.24215/23142766e130>

^{xxxI} TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar:** história, memória e política. Lisboa: Edições Unipop, 2012. p. 10.

^{xxxii} Ibidem, p. 12.

Referências:

ADORNO, Theodor. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2008.

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento II:** da Enciclopédia à Wikipédia. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

EATWEL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo:** a revolta contra a democracia liberal. Tradução de Alessandra Bonruquer. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

GAY, Peter. O Outro Conveniente. In: _____. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O Cultivo do Ódio.** Tradução Sérgio Goes de Paula e Viviane de Lamare Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade:** presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre História.** Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3ª ed. São Paulo Editorai 34.

MAYNARD, Dilton C. S. **Memórias do Segundo Dilúvio:** uma Introdução à História da Internet. Cadernos do Tempo Presente, número 04, 2011. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2721>. Acesso em 25 de mar. de 2022.

MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre história e internet.** Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

UMA INTRODUÇÃO AOS USOS DA HISTÓRIA PELA ULTRADIREITA NA ERA
DIGITAL
SILVA, D. L. S.

MELO, Demiam Bezerra de. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Marx e o Marxismo** v.1, n.1, jul/dez 2013. p. 49-74

MORAES, Luís Edmundo de Souza. Revisionismo Negacionista. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org). MEDEIROS, Sabrina (org). VIANNA, Alexandre Martins (org). **Enciclopédia de guerras e revoluções - vol. III: 1945-2014: a época da Guerra Fria (1945-1991) e da nova ordem mundial.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

MUDDE, Cas. **La ultraderecha hoy.** Barcelona, Buenos Aires, México: PAIDÓS Estado y Sociedad, 2019.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você.** Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

PROST, Antoine. **Doze Lições Sobre a História.** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo.** Editora FGV, 2016.

SCHURSTER, K; TEIXEIRA DA SILVA, F. C. (2021). Militares e bolsonarismo: um caso da transição falhada e democracia inacabada. **Relaciones Internacionales**, 30(60), 130. <https://doi.org/10.24215/23142766e130>. Disponível em: <https://revistas.unlp.edu.ar/RRII-IRI/article/view/12155>. Acesso em 29 de nov. de 2022.

SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michael. Como lidar com os fascismos hoje? **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão-SE, v. 11, n. 01, p. 03-15 , jan/jun. 2020

SILVA, Diego Leonardo Santana. Sobre o negacionismo no ciberespaço: a "enciclopédia alternativa" Metapédia e sua proposta de educação histórica. 2017. 92 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/4848?mode=full>. Acesso em 25 de mar. de 2022.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl. **Passageiros da tempestade.** Recife: Cepe editora, 2022.

STANLEY, Stanley. **Como Funciona o Fascismo: a política de “nós” e “eles”.** Tradução de Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2019

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar: história, memória e política.** Lisboa: Edições Unipop, 2012.